

ARTE E TERRITÓRIO: NARRATIVAS DAS INFÂNCIAS.

FERNANDA MACHADO¹; ALINE ACCORSSI²

¹Universidade Federal de Pelotas – contato.machadof@gmail.com ¹

²Universidade Federal de Pelotas – aline.accorssi@ufpel.edu.br²

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho investiga como crianças de diferentes bairros de Pelotas constroem e significam seus territórios por meio de experiências cotidianas, afetivas e culturais, utilizando a arte como metodologia. A pesquisa surge do projeto de extensão *Fanzineando o cotidiano*, vinculado ao PET GAPE – Grupo de Ação e Pesquisa em Educação Popular/UFPEL, que, por meio de oficinas de fanzines, busca valorizar as crianças como produtoras de conhecimento. Proposto por uma estudante de Artes Visuais – Licenciatura, o projeto nasceu da necessidade de mapear os territórios das infâncias em Pelotas, promovendo a expressão das vivências infantis por meio da criação artística. Assim, a pesquisa sobre as infâncias não orienta apenas a oficina, mas também permite refletir sobre a prática pedagógica e seus efeitos. A infância é um campo de experiências singulares e plurais, atravessado por dimensões culturais, afetivas e sociais que, muitas vezes, permanecem invisíveis nos contextos escolares tradicionais. Nas escolas públicas brasileiras, a educação ainda é frequentemente estruturada por matrizes homogêneas e verticalizadas, que desconsideram as especificidades dos territórios e das vivências infantis. A pesquisa apresentada propõe investigar as formas pelas quais crianças constroem e significam seus territórios a partir de práticas artísticas, articulando conceitos de educação popular, subjetividade e territorialidade. Ao problematizar a uniformização curricular e os limites da educação formal, o estudo busca refletir sobre como metodologias sensíveis e participativas podem abrir espaços de escuta, criação e aprendizagem, reconhecendo e valorizando as vozes infantis.

2. METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa qualitativa de caráter exploratório, inspirada na educação popular e na pesquisa-ação. As oficinas de fanzines configuram-se como dispositivo central, funcionando simultaneamente como prática pedagógica, campo de escuta e ferramenta metodológica. Os dados principais da pesquisa são compostos por cerca de 140 fanzines elaborados em oficinas realizadas com crianças de diferentes bairros de Pelotas, além de registros orais produzidos durante o processo criativo. Esses materiais são tratados como documentos visuais e narrativos, capazes de revelar territorialidades, identidades e culturas infantis. A análise ocorre em duas dimensões: leitura interpretativa das imagens e textos produzidos, buscando compreender como as crianças representam seu território, e, reflexão crítica sobre os sentidos atribuídos pelas próprias crianças às suas produções. A pesquisa caminha junto a prática pedagógica se complementando. A oficina de fanzine tem como tema o “território” que com mediação, as crianças refletem sobre seus bairros e seu brincar. E quando as fanzines são trocadas com

produções de crianças de outros bairros, as crianças podem refletir acerca do outro. A proposta se baseia na reflexão de que o território, conforme Santos (2002, p.10), é o resultado da união de "chão + identidade". A prática pedagógica que fundamenta o projeto e a pesquisa, entende a educação como um caminho de invenção de si em diálogo com a consciência do contexto social. Nesse percurso, arte e educação se configuram como territórios atravessados pela sensibilidade, capazes de mobilizar afetos e, ao mesmo tempo, estimular uma reflexão crítica sobre a própria existência e as realidades que a cercam.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os dados preliminares apontam para a diversidade de experiências que compõem as culturas infantis em Pelotas. Alguns fanzines evocam memórias afetivas, como atravessar lençóis estendidos no varal ou brincar na rua com amigos; outros revelam preocupações sociais, como acidentes, violência ou questões ambientais. As produções das crianças mostram não só o que elas sabem sobre território, mas também como ocupam o espaço da casa e do bairro, brincar até tarde na rua, ter muitos vizinhos, a diferença entre quem mora em casa com pátio e aqueles que vivem em apartamentos pequenos. Os resultados revelam o protagonismo infantil e a criação de novos significados para suas histórias. Toda criança é criança de um lugar, de modo que a infância carrega marcas territoriais que atravessam suas formas de existir (JADER JANER 2011). Considerando a infância como plural e territorializada, o fanzine surge como dispositivo capaz de materializar memórias, afetos e cotidianos, tornando-se espaço de expressão da subjetividade infantil. Nesse cenário, o território pode ser compreendido não apenas como espaço físico, mas como resultado da intersecção entre lugar e identidade, configurando-se como um elemento central na construção das subjetividades. Essa perspectiva dialoga com FREIRE (1970), ao reconhecer as crianças como sujeitos de saber. A perspectiva da criança nesta proposta evidencia que elas possuem identidades próprias e elaboram seus próprios pensamentos, não apenas se preparando para a vida adulta. Os resultados também revelam a diversidade social, já que algumas crianças expressaram, à sua maneira, suas realidades de moradia e condições econômicas, mostrando-se ativas e informadas.

A escola, sendo o lugar para realizar a pesquisa-ação, foi escolhida como instrumento com o objetivo de articular escola, arte e educação popular, partindo da constatação de que, embora as instituições públicas atendam majoritariamente à classe popular, isso não significa que pratiquem uma educação popular de fato. A aprendizagem é uma construção que, segundo Maria Lúcia Batezat (2011), envolve memorizar, lembrar, refletir e formular pensamentos sobre a experiência de vida nas dimensões privada e social. A autora ensina que a prática também não funciona sozinha; ela precisa de um conteúdo enquanto estratégia para a formulação de pensamento sobre o saber e o fazer. Nesta pesquisa, a infância não é compreendida como uma etapa biológica universal, mas como um artefato social, “vívda não como se quer, mas como se pode” (QVORTRUP, 2010). A arte é destacada como campo de conhecimento que, além da técnica, permite às crianças estabelecer conexões e reflexões sobre si e o mundo em que vivem (OSTETTO, 2011). Nesse sentido, o projeto propõe uma ruptura com práticas escolares que, por diferentes razões, acabam limitando a expressão dos saberes e conhecimentos que as crianças já carregam sobre si mesmas e sobre o espaço em que vivem.

Essas narrativas confirmam que a infância não pode ser reduzida a uma norma universal, pois ela é plural, situada e atravessada por condições sociais específicas. As crianças não são receptoras passivas, mas agentes que elaboram interpretações críticas de seu cotidiano. A fanzine, nesse contexto, torna-se um território móvel, que conecta bairros, memórias e identidades funcionando como espaço de resistência simbólica frente à homogeneização curricular da BNCC. A versão preliminar da BNCC foi construída por um comitê de especialistas – professores universitários, docentes da educação básica e técnicos das Secretarias de Educação, indicados pelo CONSED e pela UNDIME. Essa etapa buscou definir os componentes curriculares básicos a partir dos chamados “direitos de aprendizagem”, estabelecendo objetivos vinculados à apropriação de conteúdos e orientados pelo ensino por competências (SARDELICH; PANHO, 2018). Assim, a BNCC estabelece uma matriz de referência que orienta toda a Educação Básica a partir da lógica da avaliação em larga escala. Ela verticaliza a aprendizagem e desconsidera a diversidade nos modos de aprender e viver dos estudantes, ou seja, ela cria a mesma matriz para crianças em escolas localizadas no extremo norte do norte do país e para aquelas que estão no extremo sul. Esse movimento tende a homogeneizar os currículos, invisibilizando saberes locais e restringindo a autonomia pedagógica, ao mesmo tempo em que reforça desigualdades já existentes ao aplicar os mesmos parâmetros a realidades profundamente distintas.

Ao mesmo tempo, os resultados evidenciam que a produção artística funciona como meio de construção de pensamento e pertencimento. As crianças se reconhecem como parte de seus territórios, elaborando memórias compartilhadas e expressando subjetividades que frequentemente não encontram lugar na escola. Mais do que uma infância homogênea, existem culturas infantis (SARMENTO, 2004), plurais e situadas, que se constituem no entrelaçamento entre experiência e lugar. Essa pesquisa tensiona essa homogeneização a partir da escuta e da análise das produções infantis, enriquecendo a educação de forma situada e sensível.

4. CONCLUSÕES

A pesquisa demonstra que o ensino da arte para além de recurso pedagógico, é potente para investigar as culturas infantis e territorialidades. A construção das fanzines possibilitam compreender como as crianças constroem narrativas próprias sobre seus espaços, revelando dimensões culturais, afetivas e políticas que escapam à lógica curricular normativa. O estudo reafirma a importância de metodologias artísticas e participativas no campo da educação e da pesquisa com crianças, reconhecendo a infância como forma de existência própria e produtora de conhecimento. Assim, valorizar as vozes infantis é também questionar as estruturas de poder que ainda organizam a escola de maneira verticalizada. A proposta de voltar o olhar para o cotidiano, desde os grandes acontecimentos até as situações mais corriqueiras, coloca as crianças em contato com experiências ligadas à subjetividade, à cultura e às dinâmicas sociais. Ao compartilharem suas narrativas em formato de carta visual, elas constroem sentidos coletivos sobre si e sobre o mundo. O conceito de território como a soma de *chão* + *identidade* permeia o projeto, no qual os fanzines se transformam em territórios móveis, conectando crianças de diferentes bairros e revelando a pluralidade de suas experiências cotidianas. Assim, evidencia-se a importância de uma educação que reconheça os alunos como sujeitos singulares, compreendendo o ensino da arte para além da

dimensão técnica, como espaço de sensibilidade, reflexão e criação de sentidos sobre a vida.

A pesquisa feita no Grupo PET-GAPE, conduzida com intencionalidade educativa, permitiu revelar diferentes concepções de território, evidenciando como o sistema socioeconômico vigente tende a uniformizar os espaços e, simultaneamente, criar hierarquias entre eles. Entretanto, a arte abre caminhos para perceber o território como espaço de existência, resistência e resiliência, promovendo sentimentos de pertencimento. A pesquisa também evidencia que a padronização curricular reflete uma lógica colonial, na qual a imposição de uma matriz única invisibiliza modos de vida e territorialidades que fogem ao padrão dominante. As experiências vividas possibilitam não apenas que estudantes e pesquisadores reconheçam a diversidade dos universos infantis, mas também que as próprias crianças percebam as múltiplas maneiras de expressar suas vidas e suas infâncias. No entanto, o estudo não busca apenas apresentar resultados definitivos, mas incentivar a reflexão: que outros caminhos para cultivar a arte, as relações e os modos de vida ainda podemos explorar dentro da educação? Além disso, convida ainda à reflexão sobre a urgência de uma educação situada, plural e sensível às diversidades.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DUARTE, Maria Lúcia Batezat. Bases Curriculares para as Artes Visuais no Ensino Fundamental. **Revista NUPEART**, v. 9, n. 1, p. 10-34, 2013.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970.

LOPES, Jader Janer Moreira; VASCONCELLOS, Tânia. Geografia da infância: territorialidades infantis. **Currículo sem fronteiras**, v. 6, n. 1, p. 103-127, 2006.

OSTETTO, Luciana Esmeralda. Educação infantil e arte: sentidos e práticas possíveis. **Caderno de Formação: formação de professores educação infantil princípios e fundamentos**. Acervo digital Unesp, v. 3, p. 27-39, 2011.

QVORTRUP, Jens. A infância enquanto categoria estrutural. **Educação e pesquisa**, v. 36, p. 631-644, 2010.

SANTOS, M. (2002). **Território e dinheiro**. Niterói: UFF/AGB.

SARDELICH, Maria Emilia; PANHO, Guilherme. Uma cartografia sobre o Ensino das Artes Visuais na BNCC entre 2014-2018. **Revista GEARTE**, [S. l.], v. 5, n. 2, 2018. DOI: 10.22456/2357-9854.83395.

SARMENTO, M.J. As culturas da infância nas encruzilhadas da 2ª modernidade in SARMENTO, M.J.; CERISARA, A.B (org). **Crianças e miúdos: perspectivas sócio pedagógicas da infância e educação**. Porto: Asa, 2004.